

A CEASA DE MANAUS E SUAS MUDANÇAS HISTÓRICAS E ESPACIAIS

Thiago Oliveira Neto¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as transformações ocorridas na Central de Abastecimento do Amazonas (CEASA), que passou por um período de funcionamento, abandono e posterior apropriação para fins comerciais e de armazenamento. A análise desse processo de transformação foi fundamentada nos conceitos de seletividade, antecipação, marginalização espacial e refuncionalização, com base em um levantamento de fontes históricas, como jornais e revistas publicitárias das décadas de 1970 e 1980. A pesquisa identificou que houve um processo de marginalização espacial e abandono da CEASA, acompanhado da formação de novas centralidades comerciais em Manaus. As instalações, por sua vez, foram refuncionalizadas e apropriadas para atividades de comércio atacadista.

PALAVRAS-CHAVE: CEASA. Manaus. Práticas espaciais.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho inicial é analisar, a partir de uma abordagem histórica e geográfica, as transformações ocorridas na Central de Abastecimento do Amazonas (CEASA), que passou por um período de funcionamento, abandono e posterior apropriação para fins comerciais atacadistas. A análise desse movimento de transformação está alicerçada na abordagem conceitual geográfica — seletividade, antecipação, marginalização espacial e refuncionalização — conforme discutida por Corrêa (2016) e Sposito (2010).

A proposta de estruturação do espaço regional amazônico na década de 1970 teve dimensões urbanas e locais, com a construção de formas espaciais destinadas a exercer funções específicas, como foi o caso da CEASA. Esta deve ser compreendida como um empreendimento que visava centralizar parte da rede de circulação, transporte e comercialização de produtos alimentícios, inserindo-se no contexto de implantação das centrais de abastecimento enquanto política de planejamento e de organização espacial da comercialização da produção agrícola nas cidades, apresentando no caso de Manaus, mudanças de funções e espaciais.

MATERIAL E MÉTODOS

A análise espacial desenvolvida neste trabalho parte das discussões e conceitos de seletividade, marginalização espacial e refuncionalização. Para tanto, foi realizado um levantamento de dados, informações e imagens históricas na Biblioteca Nacional, referentes ao período entre 1970 e 1989, a partir da leitura do *Jornal do Commercio* e da revista *O Cruzeiro*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta inicial do Grupo Executivo de Modernização do Sistema de Abastecimento (GEMAB), divulgada em 1970, tinha como objetivo “criar uma rede de abastecimento para Manaus e para todo o interior amazonense” (*Jornal do Commercio*, 30/10/1970, p. 1). Em meados de 1975, a ESUSA – Engenharia de Serviços Urbanos S/A concluiu as obras, que compreenderam uma área

¹ Pós-doutorando bolsista pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), professor do Programa de Pós-graduação em geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: thiagoton91@live.com

de cinco mil metros quadrados construídos e cem mil metros quadrados pavimentados, situada na Avenida Abiurana, rua Coreia do Norte e Seringal, nas proximidades (450 metros) da rodovia Manaus–Porto Velho (BR-319) e 1.600 metros do porto do Encontro das Águas. O empreendimento contou com a participação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), da Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL), da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), do Governo do Estado do Amazonas e da Prefeitura Municipal de Manaus. Naquele momento, buscava-se “solucionar os problemas de abastecimento na capital amazonense, no armazenamento e permuta de gêneros alimentícios com outros centros” (Jornal do Commercio, 23/01/1970, p. 3).

Em janeiro de 1975, divulgou-se que a CEASA teria como previsão inicial de funcionamento a oferta de diversos serviços e instalações, tais como “armazéns, mercado livre, armazém e depósito de movimentação, frigorífico, ambulatório, segurança e vestiários, oficina de manutenção, garagem e depósito, administração e lojas, restaurantes, supermercado, portarias e controle de acesso pelo rio, posto de gasolina e castelo d’água (...)” (Jornal do Commercio, 25/01/1975, p. 4).

Antes da inauguração oficial, a CEASA (Figura 1) iniciou suas atividades de forma experimental, com o recebimento das produções regionais para comercialização no dia 23 de fevereiro de 1975. No dia seguinte, 24 de fevereiro, teve início a comercialização regular, em regime de funcionamento de 24 horas por dia (Jornal do Commercio, 18/02/1975, p. 4; 21/02/1975, p. 1). Finalmente, em 28 de fevereiro de 1975, ocorreu a inauguração oficial e a consolidação do funcionamento da CEASA (Jornal do Commercio, 28/02/1975, p. 3).

Figura 1 – CEASA de Manaus em 1975: a) entrada principal; b) vista aérea do complexo; c) e d) parte dos galpões usados por empresas para armazenamento e comercialização de produtos no atacado.



Fonte: Wanderley (05/03/1975, pp. 76-77), Google Earth Pro (07/2024).

Em fevereiro de 1984, a CEASA já era mencionada como estando em processo de “desativação”. Um dos fatores apontados para “o declínio daquele mercado [deveu-se] à falta de um porto onde possam ancorar as embarcações que trazem a produção do interior” (Jornal do Commercio, 03/02/1984, p. 16).

Ainda em 1984, destacou-se outro motivo central para a derrocada da CEASA: o sistema de produção predominante no Amazonas, baseado em pequenos produtores que transportavam sua produção em embarcações próprias para comercialização direta em Manaus. O porto do Mercado Municipal e, posteriormente, a Feira do Produtor, consolidaram-se como espaços de comercialização no varejo e no atacado, competindo diretamente com a central de abastecimento. Esses fatores foram considerados decisivos para a “falência e desativação” da CEASA (Jornal do Commercio, 04/02/1984, p. 2).

Naquele momento, chegou-se a especular sobre a readequação de parte de sua infraestrutura, em especial os galpões, que poderiam ser transformados em “centro de estocagem de alimentos”, funcionando como “centro de estocagem de frios” e espaço para “venda a atacado” (Jornal do Commercio, 04/02/1984, p. 2).

Meses após o anúncio da desativação, iniciou-se o debate sobre uma possível redefinição do papel da CEASA. Defendia-se que sua função deveria restringir-se à comercialização no atacado, voltada para empresas e revendedores, o que foi considerado como “sua verdadeira finalidade” (Jornal do Commercio, 08/07/1984, p. 5). Apesar disso, o estabelecimento passou a ser visto pela elite política local como um “elefante político”, que não justificaria novos investimentos por estar localizado em uma “área pouco estratégica” (Jornal do Commercio, 04/09/1986, p. 2).

Em 1986, no contexto de crise fiscal e econômica nacional, o Governo Federal transferiu a administração das CEASAs para Estados e Municípios (Jornal do Commercio, 23/11/1986, p. 1). No caso da CEASA de Manaus seguiu-se um movimento de marginalização espacial: o poder público deixou de realizar investimentos, e as estruturas construídas passaram por refuncionalização a partir do final da década de 1980. Os galpões foram convertidos em armazéns de alimentos refrigerados, agora sob gestão empresarial, enquanto nas ruas e avenidas de acesso manifestou-se um comércio vinculado ao circuito inferior da economia urbana e com diversas moradias precárias.

Com a perda de função da CEASA, novas centralidades de comercialização de produtos agrícolas emergiram em Manaus, sobretudo na Feira do Produtor, em sintonia com o avanço da expansão urbana na Zona Leste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu identificar, de maneira preliminar, três períodos de transformação referentes à CEASA: sua instalação, abandono e refuncionalização. A proposta inicial de centralizar o abastecimento de gêneros alimentícios fazia parte de uma política federal voltada a potencializar a centralização e a comercialização da produção agrícola para a sociedade.

A derrocada da CEASA, concentrada na década de 1980, relaciona-se tanto às transformações espaciais de Manaus – marcadas pela expansão urbana e pela consolidação da Zona Leste como nova centralidade de abastecimento – quanto a interesses econômicos que contribuíram para a redefinição dos usos da antiga estrutura. Nesse contexto, a CEASA deixou de cumprir seu papel original de central de abastecimento e consolidou-se como entreposto de cargas alimentícias e área de uso empresarial diversificado, em detrimento da venda direta por feirantes ou produtores à sociedade.

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, R. L. Processos, formas e interações espaciais. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 61, n. 1, p. 127-134, 2016.
- Jornal do Commercio. CEASA abrirá as portas para nosso abastecimento regular. 25/01/1975, p. 4.
- Jornal do Commercio. Ceasa força abertura para baixa dos preços. 28/02/1975, p. 3.
- Jornal do Commercio. Ceasa vai funcionar em experiência no dia 24. 18/02/1975, p. 4.
- Jornal do Commercio. Ceasas vão mudar de mãos. 23/11/1986, p. 1.
- Jornal do Commercio. Começa discussão pelo soerguimento da Ceasa. 03/02/1984, p. 16.
- Jornal do Commercio. De frente-de Perfil. 04/02/1984, p. 2.
- Jornal do Commercio. Entrosamento para CEASA funcionar sem problemas. 21/02/1975, p. 1.
- Jornal do Commercio. Geisel volta em fevereiro. Vem inaugurar Ceasa e 319. 23/01/1970, p. 3.
- Jornal do Commercio. Mancada Oficial. 04/09/1986, p.2.
- Jornal do Commercio. Sepror libera os preços no Mercado do Produtor. 08/07/1984, p. 5.
- Jornal do Commercio. Técnicos vieram ver o mercado terminal. 30/10/1970, p. 1.
- SPOSITO, M. E. B. Formas espaciais e papéis urbanos: as novas qualidades da cidade e do urbano. **Cidades, Presidente Prudente**, v. 7, n. 11, p. 123-147, 2010.
- WANDERLEY, I. ESUSA na integração amazônica – chegou a hora do abastecimento. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 05/03/1975, pp. 76-77.